XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

A FORMAÇÃO LEITORA DAS CRIANÇAS E A BIBLIOTECA ESCOLAR

Anna Júlia Carvalho de Moura – UEL
annajmoura@gmail.com;
Greice Ferreira da Silva – UEL
grebalet@terra.com.br

Eixo 1: Educação e Infância

Resumo:
O presente trabalho é resultado da pesquisa de Iniciação Científica realizada por meio de um estudo bibliográfico. Este trabalho tem como objetivo discutir a relação entre a criança e a biblioteca, tendo o professor como imprescindível nesse processo de formação leitora a potencializar o uso do espaço da biblioteca. O referencial teórico fundamenta-se em pesquisadores e estudiosos da leitura e da biblioteca escolar. Como resultados aponta-se o uso restrito da biblioteca escolar por muitas vezes ainda ser compreendida somente como local de complemento ou apoio às atividades de leitura desenvolvidas em salas de aula, descartando esse espaço como uma rede de relações e limitando o processo de formação leitora. Diante disso, considera-se a necessidade de um trabalho conjunto entre comunidade escolar, professor e aluno envolvendo um planejamento intencional que abarque os recursos humanos e materiais disponíveis para a formação de leitores.

Palavras-Chave: Bibliotecas escolares; criança; formação leitora.

Introdução

O estudo acerca da leitura, do ensino e aprendizagem da leitura e da formação leitora tem sido foco de atenção de inúmeros pesquisadores ao longo dos anos (ARENA, 1992; CHARMEUX, 1997; JOLIBERT, 1994; SILVA, 2009, dentre outros). Esses estudiosos contribuíram para um melhor entendimento a esse respeito.

Desde muito cedo as crianças têm contato próximo com a leitura porque esta se encontra em toda a sociedade mediada pela presença dos escritos sociais. “Pode-se dizer que a aprendizagem das crianças na escola é fundamentada na leitura, pois por meio dela se constroem as bases para o entendimento dos diversos conteúdos”. (SILVA, 2009, p. 21).

Diante disso, esse texto tem por objetivo discutir a relação entre a criança e a biblioteca, tendo o professor como imprescindível nesse

processo de formação leitora a potencializar o uso do espaço da biblioteca. A questão orientadora desta pesquisa se apresenta a seguir: Como a biblioteca escolar pode se constituir como um espaço fundamental para a formação da criança leitora? Com o intuito de responder a esta questão, a pesquisa investigou como pode ocorrer a formação leitora da criança e a relação com a biblioteca escolar como um espaço potencializador para essa formação.

Trata-se de um estudo bibliográfico porque consiste numa reflexão teórica sobre o tema por meio de fonte bibliográfica referente ao assunto a ser investigado. Esse tipo de pesquisa requer o desenvolvimento em etapas como: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, leitura do material que deve respeitar uma sequência como forma de garantir qualidade à coleta e organização de dados. (Gil, 2002).

Desenvolvimento

A formação de crianças leitoras

Ao discutirmos sobre o processo de formação leitora, algumas questões que se apresentam: O que é formar o leitor? Como formar o leitor na escola? Como a biblioteca escolar pode ser um espaço de relações potencializador da formação leitora das crianças? Para responder a essas questões será discutido inicialmente os conceitos de leitura e o ato de ler.

Arena (2010) aponta que existem problemas históricos no ensino da língua materna escrita para crianças. Esses problemas têm origem na metodologia e na própria herança cultural e educacional, sem deixar de lado os aspectos políticos e econômicos. O autor relata que:

> No percurso inicial, na tradição histórica predominante do ensino das línguas alfabéticas [...] a ênfase do ensino do ato de ler é colocada sobre a relação grafofônica, como se fosse o essencial a ser dominado, isolado do aspecto semântico, que seria entendido como consequência natural daquela relação, uma vez que a compreensão seria conquistada naturalmente pela verbalização durante o ato de ler (ARENA, 2010, p. 240).

Deste modo, considera-se que havia e ainda há, muitas vezes um equívoco no que se diz respeito ao ato de ler, pois há quem compreenda que saber ler é saber pronunciar bem o que está escrito. Porém, analisa-se o

processo de ensino, onde percebe-se que no percurso inicial é avaliado o desempenho no ato de ler por meio da capacidade de pronunciar bem as sequências silábicas, as palavras, as frases. No entanto, numa etapa posterior, realiza-se a avaliação de outro modo, onde é analisada a capacidade de compreender o pronunciado ou o murmurado. Assim, é estabelecida uma contradição, pois a capacidade se mostra como uma incapacidade, já que no percurso inicial os alunos aprenderam a ler – decodificar, pronunciar – e depois não sabem mais, ou seja, não compreendem o que leem, não atribuem sentido. Revela-se então, um desconcerto apoiado na crença de que a produção de sentido se daria pela pronúncia, o que não condiz com a realidade, porque quando o aluno pronuncia o escrito ele reproduz a fala de um outro e não necessariamente foi lhe ensinada a intenção de compreender e movimentar o acervo cultural necessário para dar sentido ao que as marcas gráficas sugerem (ARENA, 2010).

Essa contradição no ato de ensino e de aprendizagem da leitura não pode ser atribuído à escola, pois essa reflete os movimentos históricos e as concepções construídas com o passar do tempo. É delineada a transição secular de sociedades orais para sociedades gráficas. Aqui pode-se compreender o porquê do ato de ler ter sua referência na língua escrita, mas se apoiar ainda na produção da oralidade, como se essa ação, em sua essência, constituísse a leitura. (ARENA, 2010).

Ao apoiar-se em Vygotsky, Arena também destaca em seu texto que “ler é a ação de atribuir sentido por meio de sinais gráficos, em situações elaboradas pela cultura humana” (ARENA, 2010, p. 242). Deste modo o ato de ler se caracteriza como uma ação cultural, histórico, plural e social. “Ler é a ação de atribuir sentido por meio de sinais gráficos, em situações elaboradas pela cultura humana”. (ARENA, 2010, p. 242). Assim, entenderia o leitor:

> [...] no interior da escola ou fora dela, em atitude sempre de tentar compreender o que lê, no limite do conhecimento linguístico que detém, no limite do seu conhecimento sobre o assunto, e no limite de domínio que possui sobre a estrutura do gênero textual, de seu suporte e de suas práticas (ARENA, 2010, p. 244)

A atitude de aprender a ler determina ao leitor a elaboração de perguntas, efêmeras e precárias, em busca de respostas também efêmeras e provisórias, que podem ser encontradas no texto (ARENA, 2010). Cabe ao professor criar situações onde haja necessidade de que o aluno/leitor elabore perguntas que exigem respostas a serem encontradas a partir da leitura que estabelece com o texto.

Nessa direção, considera-se ainda que “a leitura é uma via de acesso para participar da cultura escrita, e, desse modo, ler se constitui numa necessidade essencial para garantir o pertencimento e a atuação ativa nessa sociedade” (SILVA, 2009, p.59). Portanto, saber ler é ser capaz de se servir do escrito para levar a cabo um projeto (CHARMEUX, 1997), ou seja, alcançar algum objetivo previamente definido.

Arena (2010) atenta para o fato de que se se compreende o ato de ler como uma ação cultural, histórica, social e plural, a leitura ocorre como produção protagonizada pelo sujeito que tenta ler. A leitura ocorre no diálogo do leitor com o texto, na relação interlocutiva que tenta estabelecer:

> A leitura somente ganha existência quando o leitor a cria na relação entre o que ele é, o que sabe, e o que o texto criado pelo outro está a oferecer. Ao apoiar-me nessa argumentação, poderia entender que professor ensina o ato de ler, isto é, o modo como o leitor em formação deve agir sobre o texto para, nesse processo, criar leitura. Dessa maneira, não seria possível ao professor ensinar a leitura, mas ensinar o aluno a ler, como ato cultural, para criar a sua própria leitura, nos limites de sua potencialidade, na sua relação com os diferentes gêneros e suportes textuais que possibilitam a formação crescente e permanente de modos de pensar cada vez mais abstratos. (ARENA, 2010, p. 243)

Diante do exposto, é possível compreender como pode ocorrer a formação de leitores. Arena (2010), afirma que ensinar a ler é ensinar as próprias práticas sociais e culturais que exigem o domínio desse sistema. Mas como seria feito esse processo?

Considera-se que o professor atua como um mediador na apropriação da leitura, pois ele ensina o ato de ler. Dessa forma, apresenta

uma discussão sobre como cabe ao professor criar condições adequadas e necessárias que promovam a aprendizagem, refletindo como esta deve ser feita de maneira em que a criança se aproprie do ato de ler como modo de "construir ativamente a compreensão de um texto, em função do projeto e das necessidades pessoais do momento" (JOLIBERT, 2006, p. 183) compreendendo que "ensinar a ler é colocar em funcionamento um comportamento ativo, de construção inteligente de significação, motivado por um projeto consciente e deliberado" (CHARMEUX, 1997, p.88).

Vygotsky (1995) esclarece que é na primeira infância que a criança entra em contato com a cultura humana e começa a se apropriar dela. A leitura é apresentada para a criança desde pequena, como algo necessário para se fazer parte da sociedade atual, que gira em torno do escrito. Isso é feito por meio das relações sociais entre os indivíduos. Deste modo é possível pensar que é na Educação Infantil que deve se iniciar esse processo de inserção na cultura escrita, onde o professor deve promover vivências que impulsionem esse processo (Arena; Silva, 2012). Ressaltando que:

> [...] a escola tem o papel de criar essas necessidades de leitura nas crianças, permitindo que elas vivenciem situações reais em que possam participar dessas situações ativamente, sendo sujeitos de suas aprendizagens e percebendo a função social para a qual é destinada. (SILVA, 2009, p. 61).

Desde muito pequenas as crianças devem ter a oportunidade de participar de situações de leitura realizadas pelo professor de modo a perceberem a função social da escrita. Para isso é importante que o professor torne essas experiências significativas, ou seja, a criança pode compreender por meio das experiências vividas a importância da leitura, uma vez que aprenderá a fazer uso da leitura em sua vida em todas as situações que se façam necessárias.

Cabe então ao professor planejar intencionalmente para que essas situações ocorram de maneira a instigar na criança a vontade de relacionar suas vivências pessoais e seu conhecimento de mundo com o que lhe é proposto na leitura, se sentindo inserida nesse processo. A participação intensa das crianças em situações de leitura proporcionará o contato com

diferentes materiais, diferentes gêneros discursivos nos diferentes suportes, provocando-as a observar, opinar, levantar hipóteses e validar as hipóteses ou não. As crianças também aprenderão a questionar o texto e a encontrar respostas para essas questões e ainda poderão estabelecer relações com o que já viram, ouviram, sentiram, experimentaram. Essas são atitudes essenciais para o processo de apropriação da leitura e para a formação leitora (SILVA, 2009).

A biblioteca como espaço promotor da leitura

Neste item será discutido o papel fundamental da biblioteca escolar e como esse espaço pode se constituir efetivamente como promotor da leitura e da formação de leitores.

Muitas vezes as bibliotecas escolares são compreendidas como locais de complemento ou apoio às atividades de leitura desenvolvidas em salas de aula. No entanto, a biblioteca é muito mais do que apenas um ambiente de suporte, pois traz consigo “a cultura histórica de relação entre leitores, leitores pequenos e livros”. (ARENA, 2011, p.14) e através do trabalho realizado pelo professor pode se tornar essencial no processo de formação de leitores. Segundo Arena (2011, p.14) a biblioteca,

> Na escola, ela está a caminho de constituir uma instituição com organização e funcionamentos específicos, com identidade própria, que compõem um quadro revelador de um conjunto de relações, em um contexto específico. A identidade da biblioteca escolar faz superar a concepção de instituição de apoio e de complemento para conquistar o estatuto de espaço da cultura, de produção de leitura, de produção de textos escritos e de porto de partida para a navegação pelo mundo virtual.

De acordo com a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), a biblioteca é de extrema importância na formação educacional de jovens e crianças – especialmente no processo de formação leitora. Ressalta suas contribuições e o reconhecimento desse espaço como promotor de relações entre a criança e o adulto, da criança com os materiais de leitura e da criança com o conhecimento. Arena diz:

> A leitura tornou-se para a civilização um dos elementos essenciais para a comunicação, para disseminação da informação e da cultura. Nesse contexto, a biblioteca evidenciou-se como a instituição representativa para guarda, manutenção e disseminação da informação e dos diversos suportes à leitura, portanto, é referência no projeto de formação de leitores. [...] O uso sistemático da biblioteca torna-se determinante para o desenvolvimento educacional em qualquer instância do ensino (SILVA, 2015, p.491).

Essas considerações evidenciam não somente o papel da biblioteca, mas também a sua importância e necessidade da biblioteca como ambiente fundamental para a formação de leitores em instituições de ensino.

A universalização da biblioteca nas unidades escolares do país foi regulamentada pela lei N° 12.244/2010, onde define-se:

> Art. 1° As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei.
> Art. 2° Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.
> Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.
> Art. 3° Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998. (BRASIL, 2010).

Apesar da promulgação da Lei, Arena (2011, p. 13) relata que:

> Não bastam espaços, livros, materiais videográficos e documentos guardados para caracterizar a existência de uma biblioteca escolar. Não são os objetos físicos que dão a ela existência e vida. Não é somente com eles que se pode confirmar a existência de biblioteca na escola; mas é com as relações entre alunos, livros, bibliotecários, professores de

> biblioteca e professores de salas de aula que se pode conquistar o estatuto de lugar dos livros ou de biblioteca. (ARENA, 2011, p. 13).

Nesse sentido, entende-se a biblioteca escolar como espaço fundamental para a formação humana e para a formação leitora das crianças. Ao começar pelo espaço físico, que é organizado de maneira diferente da sala de aula, onde as crianças ficam dispostas em grupos e podem interagir com os materiais de leitura, entre os seus pares, entre elas e o professor/bibliotecário, entre elas e o conhecimento. Deve ser um ambiente agradável e acolhedor de forma que os alunos possam sentir-se à vontade para frequentá-la e explorar seu acervo e estabelecer muitas e necessárias relações.

A biblioteca em si pode ser considerada um ambiente que incentiva a leitura já que nela está presente uma grande quantidade de livros que são disponibilizados para leitura no local e empréstimo, por meio de uma organização do acervo de acordo com o espaço e a demanda existente, de maneira a enriquecer as possibilidades de trabalho do professor e o estudo do aluno, não esquecendo da necessidade de que haja um Regulamento e ele seja utilizado de forma a promover a aproximação do leitor da Biblioteca sem causar distanciamento nas relações pedagógicas.

A *hora do conto* é essencial para que todo esse processo de formação se concretize de maneira mais eficaz - ao instigar o aluno a conhecer novas histórias, novos autores e estimular a fantasia e imaginação (SILVA, 2015). Durante esse momento é realizado um empréstimo de livros para cada criança e faz-se necessário que o professor mediador desse espaço oriente os alunos de forma mais natural e tranquila possível, provocando nos alunos a busca por obras que mais lhe interessam, tendo um livre acesso à procura pelos livros nas prateleiras. A frequência que o aluno frequenta a biblioteca e a qualidade desses momentos também é fundamental, pois incentiva a formação de futuros leitores, criando cada vez mais a necessidade de ler e de aprender a pesquisar.

Como brevemente relatado no tópico dois, o professor é o principal agente na formação de leitores e é de extrema importância que o professor mediador das bibliotecas escolares seja um “leitor, ter intimidade com

linguagem e temáticas, de modo a estruturar estratégias para que os alunos ampliem as fontes de leitura e, consequentemente, seu conhecimento." (SILVA, 2015, p.497).

Para que haja eficácia no processo de formação leitora necessita-se que o professor, por meio de mediações, provoque no aluno o sentimento de pertencimento ao ambiente da biblioteca escolar como um espaço de ensino e de aprendizagem, "caminhando ao lado do leitor que se encontra com a literatura; ensina-o a lidar com o texto, a descobrir seus caminhos, a se apropriar dele sem, entretanto, distorcer o seu conteúdo artístico em prol de uma errônea escolarização". (SILVA; SILVA. BARBOSA, BORTOLIN, 2016). Segundo os autores (2016, p.7):

> [...] a biblioteca escolar somente existe como tal e se constitui como um espaço de relações se for um local dinâmico, vivo, em que o (a) mediador (a) da leitura crie as condições adequadas para que essas relações aconteçam. E entender a mediação pedagógica é entender diretamente essas relações e como elas podem ocorrer. É criar nas crianças necessidades de leitura, de pesquisa, de interlocução. (SILVA; SILVA. BARBOSA, BORTOLIN, 2016, p. 7).

Deste modo o professor deve planejar situações de leitura em que a criança possa aprender a dialogar com o texto e produzir sentido, através da intertextualidade. Alguns aspectos como a dominação das especificidades do gênero literário através da apropriação de elementos como o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são indispensáveis para o processo de inserção da criança na cultura escrita (ARENA; SILVA, 2012). Já que:

> A preocupação em planejar com intencionalidade as situações de leitura envolve a necessidade de organizar os tempos e os espaços destinados a esse fim, para que, desde cedo, as crianças percebam que existem determinados materiais, determinados modos e determinados lugares de ler e para que percebam a leitura como uma prática cultural. Espaços, tempos e materiais organizados intencionalmente propiciam oportunidades propulsoras de um desenvolvimento amplo da criança e da sua formação leitora. (SILVA; SILVA; BARBOSA; BORTOLIN, 2016, p. 7).

O planejamento é indispensável em toda ação docente, assim também nas situações de leitura. Diante disso, o professor pode planejar e desenvolver seu trabalho de maneira a promover um melhor aproveitamento do seu tempo, do material e dos espaços disponíveis na escola, bem como o desenvolvimento dos alunos como leitores que compreendem a necessidade da leitura e reconheçam nesses momentos uma oportunidade de ampliar seu conhecimento de forma mais prazerosa.

Também considera-se a necessidade da criança ter contato com diferentes gêneros discursivos de modo a pensar sobre eles, discuti-los, perceber suas especificidades e seus usos.

Silva (2015) afirma que “na escola falta espaço para a reflexão acerca de como a leitura tem sido mediada em seu âmbito e há muito a se indagar a esse respeito” e por isso a equipe docente deve fazer alguns questionamentos acerca da leitura e da biblioteca. O autor enfatiza a questão do porquê a leitura deve ser feita, pois será a partir disso que haverá uma concepção do que se almeja para promover a leitura na escola (SILVA, 2015). Ainda ressalta que cada livro oferece ao leitor a possibilidade de encontrar com pessoas diferentes e assim:

> A leitura [...] tem valor coletivo e individual, de modo que no ambiente escolar se torne elemento de formação individual do ser humano em construção social e intelectual, bem como instrumento pedagógico de apoio ao ensino, ao conhecimento, à arte e ao lazer (SILVA, 2015, p. 490).

A escola proporá leituras de textos diversos, de qualidade textual e ilustrativa, como poderá ser feito o processo de mediação pelo professor e quais estratégias poderão ser utilizadas. Silva (2015) ainda esclarece que nos Anos Iniciais é essencial que o aluno tenha contato sistemático com obras de literatura infanto-juvenil porque também desenvolve a imaginação, o que contribui para que a criança estruture seu mundo interior, que encontre respostas para seus dilemas e estabeleça relações com a realidade (SILVA, 2015).

Arena aborda que:

> O leitor, desde a infância, é um sujeito histórico e cultural que faz da ação de ler uma ação também histórica e cultural e que a leitura do texto verbal contribui substancialmente para a formação da consciência na relação com a consciência do outro. Essas ações culturais de formação do leitor, desde a infância, prosperam muito mais quando a criança é considerada, pelos adulto que a educam – educadores profissionais e familiares –, um ponto inteligente em uma rede de cultura no mundo da cultura escrita. (ARENA, 2011, p.17).

Diante do exposto, compreender o ato de ler como uma ação cultural, histórica pressupõe compreender que esse ato é ensinado para um ser histórico e cultural, um ser que é sujeito no processo de aprender, que é competente, ativo, capaz de estabelecer relações intensas com a cultura escrita. É considerar que ao se apropriar da leitura, também se apropria da cultura historicamente elaborada e se humaniza. A formação leitora ocorre por meio das relações com o outro – materiais de leitura, professor/bibliotecário, pares, conhecimento. Nesse contexto, a biblioteca ganha vida porque não atua somente como um depósito de livros ou como um complemento para as atividades propostas pela escola, mas porque traz a possibilidade dinâmica de ser um espaço de relações em que promove um encontro dialógico entre a criança, o conhecimento e o professor.

Considerações finais

A melhora da qualidade da educação de nossas escolas, depende entre outros fatores do acesso dos alunos à leitura. O contato com livros e diferentes materiais de leitura é essencial, mas não é suficiente se não considerar a criança também como sujeito desse processo e se ela não participar de situações planejadas de leitura em que possa estabelecer relações com a vida, com a realidade, com ideias, com sentimentos, emoções.

Apesar da criação de leis e dos esforços para tornar a biblioteca um ambiente de qualidade para o aprendizado das crianças em sua formação leitora, ainda há muitos pontos em aberto, necessitando discuti-los na tentativa de encontrar caminhos para resolvê-los.

As bibliotecas escolares muitas vezes ainda são compreendidas como locais de complemento ou apoio às atividades de leitura

desenvolvidas em salas de aula, limitando assim, o seu real papel para a formação de leitores, uma vez que descarta esse espaço como uma rede de relações. Nesse contexto, a biblioteca escolar tem o seu uso restrito, bem como a forma como é frequentada e as interações dialógicas necessárias entre os materiais de leitura, a criança, o conhecimento e o professor são possivelmente prejudicadas e/ou esvaziadas nesse processo.

Pode-se perceber ainda que em muitas escolas as bibliotecas não têm sido aproveitadas de maneira adequada, sua estrutura física não está de acordo com a necessidade dos alunos, seu acervo muitas vezes insuficiente ou em desacordo com a faixa etária a que se destina e ainda os momentos de leitura são situações poucos motivadoras de obrigatoriedade do aluno a ler.

Cabe às instituições de ensino compreenderem a importância da biblioteca no cotidiano escolar, bem como seu real papel e perceberem a necessidade de sistematizar o acesso dos alunos a esse espaço, promovendo um ambiente acolhedor, oferecendo um acervo diversificado e experiências motivadoras de leitura.

O planejamento deve ser feito por toda a equipe pedagógica e deve-se envolver recursos humanos e materiais para a promoção da leitura. Esse planejamento deve incluir ações metodológicas que promovam o contato diário com a leitura, seja através do empréstimo de livros, ou de momentos em que a criança possa fazer uso da biblioteca ou ao participar da contação de histórias.

O professor que atua nas bibliotecas escolares deve ser um leitor ativo que busca promover a aprendizagem dos alunos criando situações novas no ambiente para que o momento de permanência dos alunos seja agradável e enriquecedor para o seu desenvolvimento como leitores.

Referências

ARENA, D. B. **O ensino da ação de ler e suas contradições.** Ensino Em Re-Vista, Uberlândia, v.17, n.1, p. 237-247, jan./jun. 2010.

_____. Alunos, professores e bibliotecários: uma rede a ser construída. **Leitura:** Teoria & Prática, Campinas, v.29, n. 57, p.10-17, 2011.

BRASIL. Lei Federal n° 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 maio 2010. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007 -2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

CHARMEUX, E. **Aprender a ler:** vencendo o fracasso. Tradução Maria José do Amaral Ferreira. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

JOLIBERT, J. **Além dos muros da escola:** a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Greice Ferreira da. **Formação de leitores na educação infantil: contribuições das histórias em quadrinhos**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.

SILVA, G. F. da; ARENA, D. B. **O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária.** Álabe n° 6, dez. 2012.

SILVA, R. J. da. **Formar leitores na escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação.** Inf. Inf., Londrina, v. 20, n. 3, p. 487 - 506, set./dez. 2015. <http:www.uel.br/revistas/informacao/>

_____. **Leitura, biblioteca e política de formação de leitores no Brasil.** BJIS, v.3, n.2, p75/92, jul/dez. 2009.

____. **Leitores e biblioteca escolar:** do período neolítico ao hommo sapiens sapiens**.** Ensino Em Re-Vista, v.20, n.2, p 357-366, jul/dez. 2013.

SILVA, R. J da; YLLANA, T. S.; BORTOLIN, S. **Mediação pedagógica numa biblioteca de escola pública em Londrina.** CIBES - Congresso Ibero-Americano de bibliotecas escolares: anais. Marília, 2015.